

## VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo

### III Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo

#### I Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo

**Mercados Contestados – As novas fronteiras da moral, da ética, da religião e da Lei**

**24, 25 e 26 de setembro de 2014 - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)**

### **Água no semiárido nordestino: significação social e valores para prática e consumo sustentável**

Ângela Maria Cavalcanti RAMALHO<sup>1</sup>

Gesinaldo Ataíde CÂNDIDO<sup>2</sup>

Sandra Sereide FERREIRA DA SILVA<sup>3</sup>

#### **Resumo**

No Nordeste brasileiro em especial na região semiárida a pluviosidade média varia entre 300 e 800 mm/ano valores médios anuais com um regime de chuvas muito irregular, podendo ocorrer num só mês ou se distribuir de forma irregular - tanto no espaço como no tempo - de três a cinco meses do período chuvoso dos anos normais. Essa região tem sido caracterizada como a zona de incidência das secas, o chamado Polígono das Secas (936.993km<sup>2</sup>), delimitado na Lei 175 de janeiro de 1936 – como área a ser objeto das políticas de combate às secas. O Polígono foi alvo de várias modificações, tendo sido, inclusive, inserido na Constituição Federal de 1946. Atualmente, o Polígono foi substituído pela Região Semiárida do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (MMA 2004). O Ministério da Integração Nacional (Brasil 2005, 2007) redefiniu os limites da região semiárida do Nordeste. É importante compreender que a problemática social no Nordeste, em particular, não é apenas a água, mas maior empenho na gestão dos recursos naturais em ênfase à água a partir de um padrão cultural que torne mais eficiente as instituições públicas envolvidas na gestão da água. Este estado da arte não é caracterizado apenas por questões edafoclimáticas, mas, sobretudo, por déficit de políticas públicas inclusivas capazes reduzirem as desigualdades regionais, sendo uma tarefa para políticos e governantes. Em um cenário marcado por desigualdades sociais, são múltiplas as alternativas e estratégias para a garantia do acesso à água pelas comunidades que na luta diária pela sobrevivência são portadores de um amplo saber adquirido através da contemplação e valorização da natureza, aprenderam a arte de conviver com o meio ambiente observando os ciclos das chuvas, o comportamento das plantas, dos animais e as características do clima e do solo cristalizando uma significação social com valores que são compartilhados por uma coletividade. Sendo esse conhecimento que construiu técnicas e perspectivas de convivência com o semiárido, que tem sido garantida a partir da construção de tecnologias sociais para captação e armazenamento da água da chuva, a exemplo das cisternas de placas. Sendo assim, o estudo tem como objetivo compreender a significação social da água da chuva para o homem do semiárido nordestino e os valores que estão envolvidos e partilhados coletivamente na utilização do recurso natural contribuindo para práticas e consumo sustentável. Toma-se como parâmetro de análise da significação social e expressão de identidades sociais que vai além do caráter utilitário da água, ou seja; a água não é apenas uma necessidade básica, ela assume significados culturais múltiplos que atravessam gerações. A metodologia utilizada foi do tipo exploratória. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, com a utilização de instrumentos de pesquisa como: observação participante,

---

1 Doutora em Recursos Naturais (UFCG). Professora dos Programas de Pós-Graduação em Recursos Naturais (UFCG) e Desenvolvimento Regional (UEPB). E-mail: [angelaramalho@oi.com.br](mailto:angelaramalho@oi.com.br)

2. Doutor em Engenharia de Produção (UFSC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais (UFCG). E-mail: [gacandido@uol.com.br](mailto:gacandido@uol.com.br)

3. Doutoranda em Recursos Naturais (UFCG). E-mail: [sandrasereide@yahoo.com.br](mailto:sandrasereide@yahoo.com.br)

entrevistas semiestruturadas e a memória cultural do homem nordestino. O lócus social da pesquisa foi à região do Cariri ocidental paraibano região que menos chove na Paraíba. Os resultados iniciais apontam que a água da chuva não é apenas um recurso natural, mas um símbolo de vida, esperança, resistência e também cidadania para o homem do semiárido. O nordestino consome a água para dar sentido ao que está em torno dele, a terra árida, a vegetação, a cultura, a religiosidade, a coletividade a falta de chuva, a fome e a capacidade de resiliência e convivência com a seca. A partir de uma ética biocêntrica tem uma preocupação com as gerações futuras para que tenham o mesmo direito de usufruírem dos recursos naturais como a água, a terra, a flora e a fauna. O significado cultural da água é partilhado coletivamente, as formas de consumo são culturalmente específicas, ou seja, acontecem em relação a modos de vida específicos, sendo através do consumo da água e de suas formas culturalmente específicas que as relações sociais são produzidas e reproduzidas.

**Palavras-Chave:** Água. Significação Social. Consumo Sustentável

## 1. Introdução

No Nordeste brasileiro em um cenário marcado por desigualdades sociais, são múltiplas as alternativas e estratégias para a garantia do acesso à água pelas comunidades que na luta diária pela sobrevivência são portadores de um amplo saber adquirido através da contemplação e valorização da natureza, aprenderam a arte de conviver com o meio ambiente observando os ciclos das chuvas, o comportamento das plantas, dos animais e as características do clima e do solo cristalizando uma significação social com valores que são compartilhados por uma coletividade.

Sendo assim, a afirmação e reafirmação de identidade do homem do semiárido nordestino com os recursos naturais, passa a ser vista como uma forma de sobrevivência de diversas regiões, o que implica em significação social e valores, não restrita a setores ou segmentos institucionais, mais amplas que produz em cada espaço e território em que vivem novos sentidos que são incorporados à subjetividade incluindo as emoções e os sentimentos como um produto humano, portanto, um artefato.

Portanto, o estudo aqui sistematizado diz respeito à produção de significados socialmente aceitos e partilhados coletivamente sobre a água da chuva. Este fenômeno em que há não só a produção de um bem simbólico, mais também sua disseminação e consumo, que implica na sua própria reprodução, já que a dimensão espacial é extremamente dinâmica em sua recontextualização.

Sobre esta perspectiva, Douglas e Isherwood (2006), apontam para o fato de que estudar os significados do consumo quer dizer, portanto, pesquisar os processos subjetivos que estão por trás do comportamento de consumo. Esses significados se formam a partir do saber socialmente compartilhado ligando o sujeito e objeto, na perspectiva das representações sociais.

A significação social influencia nas escolhas, na preferência, no comportamento e na opção do consumidor por um determinado produto. Dessa maneira, quando se intenciona analisar os significados atribuídos a um determinado produto se faz necessário entender que eles influenciam diretamente no comportamento do

consumidor, considerando que esses elementos vão trazer um retorno individual por isso tem um viés subjetivo.

O consumo enquanto prática cultural envolve vários significados, porque para agir em função de uma necessidade faz-se necessário interpretações de sensações, experiências e situações, além de dar sentido a vários objetos, ações e recursos em relação a essa necessidade.

Sendo assim, o consumo é compreendido como um processo social produtor de significados e identidades que nos ajuda a ordenar o mundo a nossa volta, tornando-o compreensível. Assim, estudar os significados do consumo quer dizer, pesquisar os processos subjetivos que estão por trás das práticas do consumidor.

Para os teóricos (BECKER, 1962 e LEVY, 1963 apud WOLF, 2002) o significado é uma combinação de percepções que possibilita ao ser humano categorizar experiências dentro de seu modo de encarar a realidade conferindo-lhes sentido.

A partir dos recortes observados, o estudo tem como objetivo compreender a significação social da água da chuva para o homem do semiárido nordestino e os valores que estão envolvidos e partilhados coletivamente na utilização do recurso natural contribuindo para práticas e consumo sustentável. Toma-se como parâmetro de análise da significação social e expressão de identidades sociais que vai além do caráter utilitário da água, ou seja; a água não é apenas uma necessidade básica, ela assume significados culturais múltiplos que atravessam gerações. Dessa forma, se apresenta uma nova vertente de discussão pouco explorada na literatura sobre a água e sua significação social.

## **2. Água como fonte de vida**

A água em toda a história da humanidade tem um papel significativo para sociedade, tanto como recurso natural quanto para sobrevivência humana. Relevante observar que nos tempos mais remotos a água é bastante utilizada pelo ser humano, a exemplo das grandes civilizações que se desenvolveram as margens dos rios e as primeiras cidades que surgiram próximas dos grandes rios.

Na tradição judaico-cristã, a água simboliza, em primeiro lugar, a origem da criação. O *Mem* (M) hebraico simboliza a água sensível; ela é mãe e matriz (útero), fonte de todas as coisas. Na Bíblia, os poços do deserto e as fontes que se oferecem aos nômades são lugares de alegria e encantamento, pontos de encontros essenciais. Como lugares sagrados, os pontos d'água têm *pap* marcha dos hebreus e a caminhada de todo homem na sua peregrinação terrena estão intimamente ligadas ao contato exterior ou interior com a água. Esta se torna centro de paz e de luz, oásis. E rios, chuvas, orvalho são celebrados como agentes de fertilização. Todo o Velho Testamento elogia a magnificência da água como incomparável. Perto deles nasce amor e os casamentos principiam. (BRUNI, 1994, p. 59)

O simbolismo da água como fonte de vida é mencionado em quase todas as cosmogonias, desde o Gênesis, na Bíblia, até o Alcorão, ou mesmo em escritos pagãos, como os do filósofo grego Aristóteles, que cita Thales de Mileto (624-546 acc.) ao afirmar que a água seria o elemento original ou o princípio de todas as

coisas (FORTES 2009). Assim, evidencia-se que o tema água está presente em todas as religiões, pois consideram a água um dos símbolos fundamentais de Deus, também os cristãos de Cristo.

As representações da relação entre água e religião e sua simbologia como elemento primordial também podem ser encontradas desde as pinturas pré-renascentistas em que começam a surgir às pequenas paisagens de fundo nas quais se podem ver pequenos rios serpenteantes.

Na Idade Média como também no Renascimento as concepções eram de que os rios não seriam formados pelas águas da chuva e pela evaporação, mas seriam as veias que surgem do interior da terra trazendo vida à superfície.

Para a historiadora alemã Ute Seiderer, a respectiva concepção explica a maneira como os rios são representados na obra de Leonardo Da Vinci e de muitos outros artistas de seu período. Nestas representações, os rios aparecem como se sua origem fosse no fundo distante da paisagem e serpenteiam até chegar ao primeiro plano do quadro. Além de estar ligada ao desenvolvimento da perspectiva, esta forma de representação também assinala o caráter simbólico da presença da água, já que a imagem dos rios aqui não é necessariamente a sua descrição topográfica, mas um símbolo para o brotar da vida do interior da terra (FORTES 2009).

A água também é interpretada na arte contemporânea e sua utilização considera não apenas as simbologias históricas da água, mas também as suas implicações formais e matérias na constituição da obra, procurando estabelecer pontos de contato entre os fenômenos característicos do meio aquático e suas significações simbólicas.

Embora as imagens históricas e os arquétipos relacionados à água influenciem os processos criativos e interpretativos das obras de arte contemporânea, estas ocorrem em um contexto diverso da arte do passado. Sua percepção deve considerar uma experiência sensível de mundo, que não seja apenas permeada por conceitos *a priori* baseados em mitologias e símbolos reconhecidos, mas que se construa a partir do embate visual e sensorial com o meio líquido (FORTES, 2009).

A partir do recorte de análise da trajetória histórica da significação da água, cabe trazer a trilha do olhar deslocado para a água na construção da identidade e poética no Nordeste brasileiro, mais especificamente na região semiárida em que a água e seu consumo têm uma significação que envolve valores e crenças partilhados que estão ligados diretamente à questão hídrica, considerando que na área em foco a pluviosidade média varia entre 300 e 800 mm/ano valores médios anuais com um regime de chuvas muito irregular, podendo ocorrer num só mês ou se distribuir de forma irregular - tanto no espaço como no tempo - de três a cinco meses do período chuvoso dos anos normais.

Essa região tem sido caracterizada como a zona de incidência das secas, o chamado *Polígono das Secas* (936.993km<sup>2</sup>), delimitado na Lei 175 de janeiro de 1936 – como área a ser objeto das políticas de combate às secas. O Polígono foi alvo de várias modificações, tendo sido, inclusive, inserido na Constituição Federal de 1946. Atualmente, o Polígono foi substituído pela Região Semiárida do Fundo Constitucional de

Financiamento do Nordeste (MMA 2004). O Ministério da Integração Nacional (Brasil 2005, 2007) redefiniu os limites da região semiárida do Nordeste.

O quadro meteorológico com o domínio do substrato geológico é formado por rochas cristalinas sub-aflorantes e praticamente impermeáveis resulta em rios temporários e condições edafoclimáticas de semiaridez sobre cerca de 10% do território nacional. Ademais, as condições físico-climáticas que predominam no Semiárido do Nordeste dificulta à vida dos milhares de cidadãos que ali residem e tem culturalmente uma identidade e significado do *ser nordestino* mesmo em meio a tantas adversidades tanto naturais quanto sociais e políticas (ROCHA, 2010).

Como área oficial de incidência periódica do flagelo duas características históricas marcam a região: secas periódicas prolongadas, que ocorrem aproximadamente a cada dez anos, e a escassez anual de água durante o período de estiagem.

O clima da porção semiárida é caracterizado por um regime de chuvas fortemente concentrado em quatro meses (fevereiro-maio) e uma grande variabilidade interanual. As fortes secas que flagelam a região sempre moldaram o comportamento das populações e foram preponderantes para a formulação de políticas públicas regionais.

Destarte, é importante compreender que a problemática social no Nordeste, em particular, não é apenas a água, mas maior empenho na gestão dos recursos naturais em ênfase à água a partir de um padrão cultural que torne mais eficiente as organizações públicas envolvidas na gestão da água. Sem, no entanto responsabilizar a baixa pluviometria e distribuição das chuvas pelo amplo cenário de flagelo e pobreza da população em especial a rural, considerando que em anos de chuvas normais vive em condições limite da pobreza. Em destaque para o fato de que o *estado da arte* não é caracterizado apenas por questões edafoclimáticas, mas, sobretudo, pelo *déficit* de políticas públicas inclusivas.

Contudo, algumas ações vêm sendo desenvolvidas como armazenar a água da chuva que cai na casa e na propriedade como uma das formas necessárias para atravessar os períodos de estiagem. É com essa compreensão de que a chuva tarda, mas não falha, que as famílias vão se organizando, construindo os depósitos e esperando a chuva passar para deixar os frutos.

Outra estratégia eficiente para enfrentar a seca é o uso, em alguns territórios rurais do semiárido nordestino, é a barragem subterrânea. Essa tecnologia vem promovendo grandes mudanças na realidade rural, principalmente por manter uma continuidade de produção durante o período seco, permitindo assim que os agricultores diversifiquem sua alimentação e comercializem os excedentes, gerado no telhado através de calhas.

Desse modo, a capacidade criativa e criadora dos seres humanos possibilita o desenvolvimento de alternativas para a satisfação das necessidades básicas de sobrevivência e a busca permanente do conforto e da felicidade, enfrentando e superando as problemáticas sociais, econômicas e ecológicas no semiárido

brasileiro. As alternativas se formulam ao longo da história das crises regionais, como uma crítica ao pensamento e a política de combate à seca e aos seus efeitos (SILVA, 2008).

Nesse sentido, pode-se definir a “convivência com o semiárido” como sendo uma perspectiva cultural orientadora da promoção de práticas sustentáveis, cuja finalidade é a melhoria das condições de vida e a promoção da cidadania, por meio de iniciativas socioeconômicas e tecnologias sociais apropriadas, compatíveis com a preservação e renovação dos recursos naturais. Considera-se que é essa orientação de um novo paradigma civilizatório para a humanidade: satisfação das necessidades e expansão de suas capacidades, em comunhão com a natureza (SILVA, 2008).

A partir do cenário configurado, observa-se que a água para os atores sociais que ali residem torna-se vida, pois brota no coração humano um valor que ressoa em nós outros valores como renascimento, fecundidade, purificação. Assim, para garantir água para todos é necessária uma ética do cuidado com o meio ambiente, o que demanda uma ética da solidariedade na sua distribuição, também uma ética da responsabilidade através de práticas de manejo e consumo sustentáveis.

Portanto, o homem do semiárido usa os recursos naturais para comunicar-se com o outro e dar sentido e significado ao que está em torno dele, por isso, no universo valorativo a água tem um potencial simbólico significativo e está presente em todas as dimensões na dinâmica da vida social, política e cultural.

Daí a necessidade de se analisar os elementos de significação social, valores e sentidos de expressão no mundo que contribuem para uma prática de consumo culturalmente sustentável como exercício de cidadania engajado pela via do consumo.

## **2.1 Água, Significação Social e Prática de Consumo Sustentável.**

A ampliação do debate sobre as questões ambientais traz no seu bojo a crescente escassez de água no mundo, resultando em novos discursos que propõem estratégias ‘resolutivas’ acerca da temática hídrica, sem, no entanto focalizar as mudanças estruturais e principalmente culturais mais recorrentes da sociedade. Proteger os recursos hídricos do planeta no Século 21 tornou-se uma decisão ambiental e cultural, demandando da sociedade uma nova prática no consumo, além do entendimento acerca da relevância da água para a sobrevivência humana.

Assim, evidencia-se que a demanda pela gestão dos recursos hídricos é uma tema recorrente nos debates e reflexões das organizações internacionais, o uso racional da água se amplia para a esfera global, o que chama a atenção da sociedade sobre o consumo elevado de água, e a necessidade de que seja mais sustentável com uma preocupação voltada para a equidade dos recursos ambientais. A sociedade precisa superar a lógica do mercado, a partir de novos valores com uma mudança na forma de pensar e agir, com mais justiça social.

Situando mais especificamente a problemática da escassez de água no semiárido Nordeste resultantes da seca, constata-se que historicamente várias estratégias de intervenções foram construídas gerando um processo de dependência das populações de baixa renda, pois o abastecimento da água para a população

mais especificamente a rural era feita pelo Estado através dos carros pipa gerando um mecanismo de dependência da população à política do poder local. Essa relação de compadrio serve como entrave ao fortalecimento das comunidades que lutam pela garantia de direitos, inibindo o processo de mobilização social e empoderamento. Também se constata a degradação ambiental e a exclusão social resultante da centralização da oferta de água na região em foco.

Todavia nas últimas décadas, percebem-se algumas mudanças no entendimento que se tem sobre as políticas públicas para o Semiárido e a percepção sobre esse espaço. Evidencia-se uma ressignificação do Semiárido: de espaço inviável a espaço viável, onde as populações podem viver e produzir. Dessa forma, tem-se buscado valorizar os potenciais ecológicos e culturais da região a partir do paradigma de “convivência com o Semiárido” (SANTOS, CEBALLOS E SOUSA, 2013, 145).

Seguindo a lógica de Malvezzi (2007) a perspectiva da convivência, está na cultura do estoque, produzir e estocar bens em tempos chuvosos para se viver com menos privações em tempos sem chuva, sendo a água o principal bem a ser estocado.

No entanto, é pertinente assinalar que essas políticas não expressam as demandas da população nordestina em sua totalidade. Ao contrário, assiste-se constantemente a uma luta dialética entre a proposta de convivência com o semiárido e a miséria presente no semiárido pela concentração das riquezas.

Portanto, se faz necessário ampliar as formas de organização, pois o semiárido é espaço de vida, assinalando que quando não se tem essa água para fertilizar o solo e a vida dos agricultores e moradores do semiárido tem-se uma espécie de “força que nunca seca” para água que é tão pouca”.

Sendo assim, muitos são os entrelaçamentos que permeiam as relações do homem do semiárido com a água, pois o recurso natural insere-se na sua cotidianidade ligada a diversos valores e crenças que são internalizados pelos indivíduos e grupos no que diz respeito a questões práticas como: sobrevivência, subsistência material como trabalho e roçado por isso celebra a colheita. Evidentemente que a principal motivação do sentimento é que a água da chuva significa vida, abundância, alimento e lucro através da venda do excedente quando acontece o inverno.

Por isso, o homem utiliza a água para dar significado ao que está em torno dele, a terra árida, a vegetação, a cultura, a religiosidade, a coletividade a falta de chuva, a fome e a capacidade de resiliência e convivência com a seca, pois o significado atribuído á água cria outra forma de ver o mundo e enfrentar as adversidades do cotidiano com outra forma de conceber sua relação com o meio ambiente no mundo culturalmente constituído.

Desse modo, é possível compreender que um valor ético é aplicado, a ética biocêntrica tendo a água como vida, levando em conta a vulnerabilidade da natureza e as gerações futuras para que tenham o mesmo direito de usufruir dos recursos naturais como a água, a flora, a fauna e a terra como local de vida/moradia e não apenas de trabalho.

Diante dos fatores apresentados, elucida-se que a água para a população do semiárido envolve diversos aspectos da vida, pois a realidade mostra os desafios enfrentados pelo homem do semiárido na luta cotidiana pela sobrevivência ao mesmo tempo em que retrata uma relação de afetividade com a água. Por isso, torna-se pertinente conhecer as articulações e práticas culturais enraizadas nas comunidades, identificando as expectativas e necessidades da coletividade.

Contudo, ao fazer referências sobre as acepções dos termos valores como também significados faz-se relevante trazer para análise algumas definições necessárias: para Engel, Blackweel (apud D'ANGELO, 2003) os valores são crenças partilhadas ou normas de grupo internalizadas pelos indivíduos que são adquiridas por meio do processo e socialização do ser humano. Podendo ser *culturais* e *sociais*, quando são amplamente partilhados por um grupo de pessoas. Pessoais quando é específico do indivíduo. Portanto, aquilo que um indivíduo ou grupo preconiza como recomendável ou ideal pode ser considerado um valor.

Desse modo, os valores em uma sociedade estabelecem as posturas e condutas sendo um fio condutor das ações, comportamentos, atitudes e objetivos das pessoas como também dos grupos.

Destas definições e características, depreende-se que os valores do homem do semiárido influenciam nas suas práticas de consumo da água, ajudando no saber cuidar e nos moldes de uso ao percebe nesse recurso natural elementos congruentes com suas crenças e representação social.

Por outro lado, assinala-se que o significado é uma combinação de visões de mundo que permite ao ser humano categorizar experiências dentro do seu modo de encarar a realidade conferindo-lhe sentido (KLEINE III, KERNAN, 1988).

O significado tem um caráter bastante subjetivo, pois, são atribuídos por quem os interpreta, portanto um mesmo objeto pode ter significados diferentes. Relevante assinalar que todo significado está inserido em um contexto, sendo dele dependente, de modo que mudanças no contexto podem acarretar mudanças no significado, um conjunto mínimo de significados é compartilhado pelas pessoas, permitindo a comunicação sobre experiências e objeto (KLEINE III, KERNAN, 1988).

Assim, os significados atribuídos à água no semiárido Nordeste influencia no comportamento dos consumidores, as práticas acontecem em relação aos significados atribuídos a uma experiência de “seca” que se torna um rótulo através do qual os muitas vezes os indivíduos expressam um sentido de “flagelo” como experiência negativa que assume para eles.

Desse modo, os significados são envolvidos e partilhados coletivamente, as formas de consumo são culturalmente específicas, ou seja, acontecem em relação a modos de vida específicos e significativos, sendo através do consumo da água e de suas formas culturalmente específicas que as relações sociais são produzidas e reproduzidas. Esta significação consiste em sua habilidade em carregar e comunicar significado cultural. Segundo Geertz (2001), a cultura é como uma teia de significados construída pelos próprios homens.



Os processos de representação e expressão de identidades pessoais e sociais, de satisfação e significado vão além do seu caráter utilitário e de suprimentos de necessidades, mas principalmente por comunicar significados culturais múltiplos (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2006). Assim, observa-se que “o significado está nas ideias ou valores que determinam como os fenômenos culturais são organizados, avaliados e interpretados”.

Portanto, a análise da valoração da água da chuva para o homem nordestino, nessa perspectiva, indica que sua dinâmica deve ser entendida dentro de um esquema mais amplo que considera os significados simbólicos a partir da interação social que os indivíduos estabelecem com os outros e com o contexto social em que estão inseridos.

Na concepção de Castree e Braum (1998) a água e o seu acesso tem significados diferentes para quem utiliza o recurso. Para os engenheiros e técnicos o problema de acesso à água se resolve unicamente através da melhoria na infraestrutura em trazer água e saneamento às moradias, para os indivíduos em muitas comunidades, a coleta da água faz parte das suas relações sociais, pois ocorrem em relações de troca e apoio mútuo entre as pessoas.

Na visão de Page (2005) o significado da água vai muito além do seu entendimento a partir de conhecimentos de engenharia e se torna um espelho das relações entre sociedade e a natureza.

Para os pesquisadores Swyngedouw, Kaika *et al* (2002) a relação entre as características físicas da água e as atividades ligadas ao seu acesso fazem parte de relações sociais e econômicas que constroem o seu significado. Neste caso, quando a água é canalizada o seu significado muda uma vez que ela servirá a determinados fins de acordo com certas visões de como a água deveria ser utilizada, com isso as transformações físicas da água e o seu significado social são criados em função um do outro.

Strang (2004) Page (2005) assinalam que o fornecimento e o acesso à água vão além de questões de infraestrutura, mercado e instituições formais, mas também envolvem relações sociais que ocorrem principalmente através de práticas culturais que surgem durante os processos de obtenção e uso da água.

O significado social da água vai além de saciar a sede das pessoas e se transforma em práticas sociais que promovem a construção de uma rede de relações que irá influenciar as dinâmicas de acesso a outros recursos não só naturais como políticos também (EMPINOTTI, 2007).

Nesse sentido, é pertinente elucidar que o uso da água é acompanhado por relações sociais capazes de criar espaços públicos de *politização e ambientalização* para que as pessoas e grupos compartilhem suas responsabilidades sociais, políticas e ambientais capazes de estabelecer uma relação profícua com o meio ambiente através de ações e práticas políticas visando à sustentabilidade.

Assim, as “[...] ações individuais conscientes, bem informadas e preocupadas com questões ambientais aparecem como uma nova estratégia para a solução dos problemas ligados ao meio ambiente para mudanças em direção à sociedade sustentável (PORTILHO, 2005, p.32).

Considerando todos os enfoques e questões nada mais relevantes do que lançar um olhar para o cotidiano do homem do semiárido nordestino e sua vinculação com a água, para buscar entender a lógica e a tessitura dos significados, valores e crenças presentes nas mais diversas práticas de consumo de água que nesse campo se vincula à representação social, construção de liberdade e a *emancipação socioeconômica*.

Se despreendendo da condição de participe dessa realidade, busca-se entendê-la mais profundamente, fazendo um recorte dos relatos e sentimentos através da produção acadêmico-científica a fim de contribuir para com o debate, de modo a contemplar as principais lacunas que ainda persistem em relação à análise sobre a água no semiárido.

### **3. Procedimentos Metodológicos**

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa em função do objeto e objetivos foi do tipo etnográfica que se propõe a descrever e interpretar a significação social e valores da água para homem do semiárido. A etnografia apresenta-se como uma forma específica de construção de uma narrativa sobre o grupo social pesquisado. O texto etnográfico reflete sobre significação e representações.

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa que busca analisar com mais profundidade o fenômeno que envolve a relação ator social e água, na tentativa de fomentar uma reflexão sistemática que possa gerar novos delineamentos no tocante as ações sustentáveis com pesquisa realizada com atores sociais nas regiões contempladas para o estudo.

Para tanto, no primeiro momento para coleta de dados secundários fez-se necessário à análise da literatura sobre a água, significação social e consumo em livros, periódicos e artigos. Para coleta de dados primários foi utilizado diferentes instrumentos de pesquisa como: observação participante, entrevistas semiestruturadas e a memória cultural do homem nordestino como instrumento para conservar muitas informações relevantes sobre os cenários que se configuram.

A memória, é vista como a capacidade de armazenar determinadas informações, quer por um indivíduo, quer por um grupo, ou por uma comunidade (LE GOFF, 2003). Portanto, esta memória foi e será construída a partir do imaginário popular, nas poesias e nas músicas de importantes autores e interpretes que cantam e decantam o Nordeste.

Dentro de um universo de discussões da realidade observada no Nordeste brasileiro, optou-se por discutir a memória sob o prisma do acervo cultural quer seja de natureza material ou imaterial. Entendendo que, a questão da memória coletiva só se viabiliza nos processos sociais de transferência da informação, em que se utilizam artefatos, monumentos/documentos (LE GOFF, 2003) como instrumentos de representação social, construção de identidades culturais e emancipação da cidadania.

Assim, a dinâmica da análise proposta deve se processar considerando o modo de construção do problema de pesquisa e a sua interface com a metodologia e selecionada. Levando em consideração que a pesquisa etnográfica não deve se limitar a descrição de fenômenos (conhecimento da forma), mas aos modos como ele é vivido e representado pelos sujeitos envolvidos no processo. Também a busca de informação e dados

qualitativos deve ter como base o referencial teórico que incorpora questões do significado cultural, valores e representação, o que demanda uma análise da produção de referência, também as categorias o que significa não perder de vista o referencial teórico constituído.

Assim, uma vez que a intenção compreender a significação social da água para o homem do semiárido, considerando o fenômeno construído e a relação que o sujeito estabelece com o recurso natural e o meio ambiente, acredita-se ser importante uma breve caracterização do *locus social* da pesquisa a região do Cariri Ocidental paraibano levando em consideração a sua especificidade, ou seja, pouca precipitação de chuvas anuais.

### **3.1 Caracterização do *Locus Social* da Pesquisa: Cariri Ocidental Paraibano**

A microrregião do Cariri Ocidental ocupa uma área de 7.158 km<sup>2</sup>. De acordo com a subdivisão geográfica feita pelo IBGE, ela constitui, juntamente com as microrregiões do Seridó paraibano, Seridó Oriental paraibano e Cariri Oriental, a segunda mesorregião do Estado da Paraíba, denominada “Mesorregião da Borborema”. Esta mesorregião, por sua vez, compreende a porção central do Estado, correspondente ao Planalto da Borborema.

Compõem a microrregião do Cariri Ocidental os seguintes municípios: São João do Tigre, Serra Branca, Coxixola, Assunção, Congo, Taperoá, Ouro Velho, Sumé, Amparo, Livramento, Monteiro, São José dos Cordeiros, Parari, São Sebastião do Umbuzeiro, Zabelê, Prata e Camalaú (RODRIGUEZ, 1999, p. 105).

Para o desenvolvimento da pesquisa optou-se pelos municípios Monteiro é o mais antigo da micro região, e, todos os outros terem sido anteriormente a emancipação pertencentes a Monteiro, também São Sebastião do Umbuzeiro.

Uma das características da microrregião é o clima semiárido (quente e seco), com precipitações pluviométricas irregulares. Quando acontecem, as chuvas ocorrem no período de dezembro a março, incluindo-se a microrregião, por estes fatores, no polígono das secas do Nordeste brasileiro. A vegetação predominante é a caatinga, típica do sertão semiárido. O solo é pedregoso e com pouco húmus, o que dificulta as práticas agrícolas, predominando o cultivo do milho e do feijão.

Assim, na região semiárida, em que o período de estiagem não é exceção, é regra, tendo como certo a verificação de um período de estiagem denominado de “estação seca anual”, a vegetação praticamente desaparece, as arbustivas perenes perdem as folhas e temperaturas variando entre 23°C a 27°C, chegando à temperatura do solo a atingir 60°C (MENDES, 1987).

Para aproximar-se deste cenário o pesquisador necessita ter a capacidade para entender o universo diversificado da região e suas construções sociais criativas e diversas além da sensibilidade para refletir sobre os meandros sociais, políticos, culturais como também ambientais presentes nestas regiões para não incorrer no erro de julgar os saberes e práticas sociais significativas.

#### **4. Resultados e Discussões**

No primeiro momento do estudo foi feita uma pesquisa com visitas aos municípios de Monteiro e São Sebastião do Umbuzeiro para conhecer a realidade para em seguida selecionar as comunidades (processo em andamento) a serem pesquisadas. Escolhemos como eixo de análise os seguintes elementos: os valores, crenças representações sociais da água, a significação social e a prática de consumo sustentável além da dinâmica de participação da população na busca pelo acesso a água.

Para tanto foram realizadas entrevistas semiestruturadas e observação com seis famílias sendo priorizada nos diálogos a história de vida, os valores, as crenças, as representações sociais como também a memória cultural sobre a água através de músicas que retratam o Nordeste e a cultura popular. Seguida da sistematização e análise das questões levantadas através das entrevistas com as famílias.

A partir das análises sistemáticas iniciais os dados revelam os grandes processos e fenômenos que se materializam no semiárido brasileiro com desafios que são postos, por um lado à questão hídrica no que diz respeito ao acesso e distribuição adequada da água e a viabilização das atividades econômicas necessárias ao seu desenvolvimento sustentável com proeminentes desafios, especialmente os de natureza política no enfrentamento da problemática da escassez de água para população mais pobre em combinação com princípios e valores que se materializam nas práticas sociais.

A questão da água no semiárido torna-se mais agravante no período de estiagem prolongada quando os açudes secam e a água existente é destinada apenas para o consumo humano. Contudo, a construção de açudes, cacimbão, poço artesiano e cisternas, tem aumentado a eficiência dos arranjos produtivos, transformando as algumas limitações anteriormente enfrentadas, em potencialidades econômicas, instigando a organização das famílias e comprovando que existem estratégias eficientes para a uma melhor qualidade de vida no semiárido.

Nesse sentido, a capacidade de convivência no semiárido nordestino tem construído estratégias para o armazenamento de água no semiárido através da implementação de pequena infraestrutura como as cisternas, uma tecnologia social de baixo custo, que são construídas o redor das casas, e captam a água das chuvas que caem para ser apropriadas aos ambientes as chamadas cisternas de placas. Trata-se de uma perspectiva orientadora de uma produção apropriada, que, segundo Andrade (1999), transforma a economia sertaneja, adaptando-a as exigências do meio natural, sobretudo às contingências climáticas, a fim de permitir que a população disponha nos períodos de secas, dos recursos necessários a eximi-la de se sujeitar ao flagelo que a mesma acarreta.

Nesse momento os relatos expressam uma reflexão sobre o cuidado com a água para a saúde para continuação da vida e a permanência da família na terra árida. Em cena as crenças e sua relação profícua com o divino, fazendo brotar a capacidade de emocionar-se e sentir-se afetado, porém resistente, o que expressa um sentimento de responsabilidade pelo laço de afetividade que construiu com a terra – “por um

pedaço de chão”, portanto a categoria cuidado expressa todo o modo de ser do homem do semiárido com relação à água.

Sendo assim, o sujeito social ao incorporar as práticas de consumo valores como a ética e a responsabilidade, assumem uma postura de *politização da ambientalização* significando uma nova cultura de participação política o que caracteriza a cidadania do consumidor, capaz de promover transformações ecologicamente sustentável e socialmente justas, diante da preocupação a partir do que plasma – a água e o seu acesso, com atitudes e práticas individuais permitindo que a comunidades cuide do meio ambiente. Portanto, as práticas consumo da água caracterizam-se como uma ação política com significação “[...] ao contrário de ser uma atividade passiva, secundária e pré-determinada, o consumo é visto como uma atividade com suas próprias práticas, ritmos, significados e determinações”. (PORTILHO, 2005, p. 178).

Constata-se que nos discursos os atores sociais mostram-se capazes de assumir novos hábitos ao expressar que a água da chuva é uma água limpa e sadia por isso no consumo não deve acontecer o desperdício. Ficou latente que nas práticas de consumo da água existe um saber cuidar principalmente com a água de beber que vai desde a sua retirada até seu consumo, sendo necessário incorporar novas práticas de consumo e significações.

Importante verificar que para o homem do semiárido a água é o elemento mais importante para a sobrevivência da espécie humana, bem como de toda a vida na terra. Pois, a água é um recurso natural essencial para todo ser vivo tanto como meio de vida, como elemento que representa valores sociais e culturais. Assim, o acesso democrático à água potável é o grande desafio, pois à água representa vida, soberania alimentar e equidade de relações no campo e cidade.

Portanto, a geração de novas ideias e práticas que nascem das dificuldades e principalmente dos sonhos em manter fortalecida a vida e amor pelo campo e pelo trabalho desenvolvido em espaços rurais, que enfrentam adversidades como a seca, mais possuem uma capacidade de resiliência construída ao longo dos anos que faz o diferencial na articulação de novas formas de participação e organização comunitária na busca de acesso às políticas públicas, contribuindo para mudanças no cotidiano das famílias.

Sendo os sentimentos e conhecimentos empíricos acumulados e as práticas sociais que construíram técnicas e perspectivas para o enfrentamento das questões da água no semiárido, que devem garantir a construção de tecnologias sociais para captação e armazenamento da água da chuva.

Evidencia-se assim uma ressignificação do semiárido com uma população que deve vista como capaz de viver e produzir com uma vida digna com atores sociais que se tornam cada vez mais sujeitos de sua própria história com práticas de consumo sustentável a partir de um processo de politização do acesso a água que proporciona as famílias o experiência de pensar seus projetos de vida, de viver bem na região diante das relações socioambientais de estabelecem com a água.

Nesse contexto, observa-se a “ambientalização e politização” do consumo se considerado como uma possibilidade de emancipação dos sujeitos envolvidos no processo, fortalecendo o interesse e a participação

individual na esfera pública, estas práticas poder ser compreendidas como parte de uma nova cultura de participação política (PORTILHO, 2008).

Portanto, surge um novo campo de ação política e exercício de cidadania do consumidor, se configurando como um consumo sustentável que envolve mudanças de práticas, atitudes e valores do cidadão.

## **5. Considerações Finais**

Este estudo proporcionou várias contribuições para o debate e entendimento sobre a significação social da água para o homem do semiárido nordestino e sua relação com as práticas de consumo sustentável. Partindo da perspectiva de que fenômeno do consumo enquanto prática cultural e suas significações sociais, e as formas pelas quais a cultura, valores e crenças influenciam mais especificamente o consumo da água no semiárido,

De modo geral, os relatos sugerem elementos de envolvimento e compartilhamento, pois consideram que a água tem uma grande significação, sendo fundamental para à vida com direito e responsabilidade de todos na conservação e preservação, por isso inclui nas suas práticas o cuidar bem da água através das práticas de consumo. Essas escolhas não é condição suficiente, mas é, sem dúvida, necessárias que envolvem processos decisórios, o acesso a recursos e políticas, a organização da participação, um conjunto de iniciativas sobre direitos e defesas contra as manobras e dependência política, tão fundamentais para o processo de mudança.

Os sujeitos sociais do semiárido não se constituem como sendo indivíduos incapazes e recebedores de compaixão doação do supérfluo. Mais cidadãos que sempre tiveram seus direitos negados e lutam pela afirmação da cidadania.

A conquista da água é um elemento essencial, que avança na construção da segurança hídrica das populações principalmente rurais, possibilitando a reflexão sobre a importância da organização popular e comunitária. As famílias são fortalecidas a partir da mobilização comunitária, com processos individuais e coletivos, que auxiliem na elaboração de um projeto de mudança e de organização comunitária o que resulta em acesso a direitos e políticas públicas.

Portanto, evidencia-se que todas as iniciativas desenvolvidas no semiárido, além de muitas outras que se faz necessário ser implementadas, e intercâmbio de redes de experiências oriundas da criatividade dos agricultores, têm se tornado gradativamente a base para que os agricultores se tornem cada vez mais sujeitos de sua própria história. Pois são capazes de “situar-se a partir de sítios de pertencimento que incluem aspectos relacionados à vida tais como: mitos crenças, experiências memórias, saberes locais, ofícios, histórias, entre outros” (ZAOUAL, 2003).

## **Referências**

ALLAN, J. A. Virtual water: a strategic resource. Global solutions to regional deficits. **Ground Water**, v. 36, n. 4, p. 545-546, 1998.

ANDRADE, Manuel Correia de. A Problemática da Seca. Recife: Líber Gráfica. 1999.

ASA. Caminhos para a Convivência com o Semiárido (Cartilha). 2 ed. Recife: ASACOM, 2008.

ASA - Articulação no Semiárido Brasileiro. **Caminhos para convivência com o semiárido**. In: Cartilha da ASA, Brasil. 2008.

BANCO MUNDIAL. **Gerenciamento de recursos hídricos**. Brasília: Secretaria de Recursos Hídricos, 1998.

BANCO MUNDIAL. **Água, Redução da Pobreza e Desenvolvimento Sustentável**. 1. ed. Brasília- 2003.

BARLOW, M.; CLARKE, T. **Ouro Azul**: como as grandes corporações estão se apoderando da água doce do nosso planeta? São Paulo: *M. Books* do Brasil, 2003.

BARLOW, Maude. **Água Pacto Azul**: a crise global da água e a batalha pelo controle da água potável no mundo. São Paulo: *M. Books* do Brasil, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BLANK, Dionis Mauri Penning; HOMRICH, Ivone da Graça Nunes; ASSIS, Simone Vieira. de. **O gerenciamento dos recursos hídricos à luz do Eco desenvolvimento**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental-FURG-RS. Volume 20, p.53, jan. a jun. de 2008.

BRUNI José Carlos. A água e a vida. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 1994.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização.

CASTREE, N. e B. BRAUM. **The Construction of Nature and the Nature of Construction**: analytical and political tools for building survivable futures. In: N. Castree e B. Braum. *Remaking reality: nature at the millennium*. New York: Routledge, 1998. *The Construction of Nature and the Nature of Construction*: analytical and political tools for building survivable futures.

CAMPBELL, C. A. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

CAVALCANTI, Márcia Maria. **O fetiche do consumo como agente de reprodução do não lugar**. Revista do Turismo. Disponível em <<http://www.revistaturismo.com.br>>. Acesso em: 18 fev.2010.

COSTA, M.R. **Qualidade e sustentabilidade hídrica**: avaliação de estratégias e políticas de convivência com o semiárido. Tese de Doutorado, Universidade de Pernambuco, 2009.

D'ANGELO, A. C. **Valores e significados do consumo de produtos de luxo**. 2004. Dissertação (Mestrado em Administração) Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Porto Alegre, 2004.

DOMINGUES, José Maurício. **Desenvolvimento, modernidade e subjetividade**. Revista Brasileira de Ciências sociais (ANPOCS), 1999 p. 83-91.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens – Para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: EDUFRRJ, 2006.

EMPINOTTI, V. L. **Re-framing Participation**: the Political ecology of Water Management in the Lower São Francisco River Basin - Brazil. 2007. 297 f. (Ph.D). Geography, University of Colorado, Boulder, 2007.

FORTES, Hugo. **ÁGUA: Significados e Simbologias na Arte Contemporânea**. [www.ip.usp.br/laboratorios/lapa/versoportugues/2c91a.pdf](http://www.ip.usp.br/laboratorios/lapa/versoportugues/2c91a.pdf). Acesso em 13 de maio de 2014.

GEERTZ, C. **Do ponto de vista de nativo**: a natureza do pensamento antropológico. In: *O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 13-41, 1989.

- KLEINE III, R.E ; KERNAN, J.B. **Measuring The Meaning Of Consumption Objects**: an Empirical Investigation. *Advances In Consumer Research*, V. 15, p.498-504, 1988.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2003.
- LEVY, Reggero, **Do símbolo à simbolização**: uma revisão de evolução da teoria e as repercussões sobre a técnica psicanalítica. Porto Alegre: Sociedade Psicanalítica, 1999.
- MALVEZZI, R. **Semiárido** - uma visão holística. Brasília: Confea, 2007.
- MCCRACKEN, G. **Consumer goods and cultural change**: A theoretical account of change in the cultural meaning of consumer goods. Working Paper nº85.104. Department of Consumer Studies, University of Guelph, Guelph, Ontario, Canada, 1985b.
- MENDES, Benedito Vasconcelos. **Plantas e Animais para o Nordeste**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- MMA, Ministério do Meio Ambiente. 2002. GEOBRASIL 2002: perspectivas do meio ambiente no Brasil. Edições IBAMA. 440 p. Paulino, F.S. 1992. Nordeste, poder e subdesenvolvimento sustentado: discurso e prática. Edições Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- PAGE, B. **Naked Power**: Women and the Social Production of Water in Anglophone Cameroon. In: A. Coles e T. Wallace (Ed.). *Gender, Water and Development...* Oxford: erg, 2005. *Naked Power: Women and the Social Production of Water in Anglophone Cameroon*.
- PORTILHO, Fátima Ferreira. **O Discurso Internacional sobre consumo sustentável**: possibilidades de ambientalização e politização da esfera privada. Campina/SP: [s.n.], 2003.
- PORTILHO, F. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.
- SANTOS, Alisson Campos, CEBALLOS, Beatriz; SOUSA, Cidoval Moraes de. **Políticas públicas de água e participação no semiárido**: limites e tensões no PIMC. *Revista Eletrônica de Gestão e Tecnologias Ambientais - GESTA*. v.1, n.1. 2013. p. 145-161.
- SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o Combate à seca e a convivência com o semiárido**: transições paradigmáticas e a sustentabilidade do desenvolvimento. Banco do Nordeste do Brasil, 2008.
- SLATER, D. **Cultura do consumo e modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.
- RAMALHO, Ângela Maria Cavalcanti *et al.* **Consumo e Significação Social**: Um Estudo com Mulheres Frequentadoras de Shoppings Centers. VI Encontro Nacional de estudos do Consumo, II Encontro Luso-Brasileiro de Estudo do Consumo. Rio de Janeiro, 2012.
- ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto. **Geografia do Nordeste**. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 2010.
- RODRIGUEZ, Janete Lins. (Coord.). **Atlas Escolar da Paraíba – Espaço Geo-Histórico e Cultural**. João Pessoa: Grafset, 1999.
- SWYNGEDOUW, E., M. KAIKA, *et al.* **Urban Water**: A Political-Ecology Perspective. *Built Environment*, v.28, n.2. 2002. p.p.124 – 137.
- STRANG, V. **The Meaning of Water**. Oxford: Berg. 2004.
- WOLF, Fabiane. **Simbolismo no comportamento do consumidor**: a construção de uma nova escala. Dissertação de Mestrado (Universidade Federal do Rio Grande do Sul/PPGA). Porto Alegre, 2002.



ZAOUAL, Hassan. **Globalização e diversidade cultural**. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção questões da nossa época. v. 106).